

Moradores contestam dados do IBGE

PAUINI – Outra coisa, além dos piuns, anda incomodando Pauini ultimamente: essa história do mais alto índice de analfabetismo. O dado, apurado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1991, é contestado pelos moradores. “Aqui não tem mais tanto analfabeto assim”, apostou a professora Elisabete Avilar, de 30 anos. “Tinha antigamente, mas muitos filhos da terra, que saíram para estudar, estão voltando.” Os jovens fazem magistério ou contabilidade em Boca do Acre, a 200 quilômetros, e voltam em busca de emprego, oferecido pela Secretaria da Educação. É o caso dela.

Apesar das dificuldades, da falta de material didático e até de livros, Elisabete acha compensador ensinar. “Aprendem na raça, no quadro e no giz e há alunos muito interessados”, diz. “Às vezes, chegam sem saber pegar no lápis e saem sabendo ler e escrever.”

Nenhuma estrada de terra leva a Pauini. Uns poucos privilegiados podem chegar à cidade a bordo de um aviãozinho que aterrissa numa pista de barro que gruda nas rodas, nos dias chuvosos. Mas, para a maioria da população, o barco é o único meio de transporte.

Na meia dúzia de ruas da sede de Pauini, apenas os imóveis públicos e poucas casas são de tijolos, porque na região há muita madeira e uma só olaria. As outras são de madeira, que esquentam demais. Por isso, nas comunidades, muitas casas – construídas sobre pilares para não ser invadidas pelas águas, nas épocas de cheia – não têm paredes.

Uma das poucas ruas da cidade não escapou da febre que acometeu todas as cidades brasileiras: a pintura da bandeira no chão. (R.B.)